

Queiroziano

Paulo Osorio

9733

# Aguilhadadas

---

Publicação mensal  
de critica á arte, á politica e aos costumes

N.º 1—Junho de 1903

*Editor—Alberto Ferreira das Neves*

PORTO

Typ. a vapor da Empreza Litteraria e Typographica

178—Rua de D. Pedro—184



PAULO OSORIO

BIBLIOTECA/MUSEU  
"REPÚBLICA E RESISTÊNCIA"

# AGUILHADAS

N.º 1 — JUNHO DE 1903



## Summario

Para melhor comprehensão do titulo d'este pamphleto e das palavras que vão lêr-se. A bêsta e a aguilhada. Invocação á Divina Providencia e á protecção das leis do reino. — O partido regenerador-liberal. Quem são elles. A pouca vergonha rotativa. Razão de ser de qualquer coisa. Aptidões do sr. João Franco para o commando da *vida nova*. Hereulano, Oliveira Martins, Anthero e os chefes liberaes. A scisão, a origem d'um partido e os seu intuitos. A reunião inaugural. Uma phrase paterna. O pudor e a commoção do auditorio. A virgindade do sr. Luiz de Magalhães. — Carta a uma dama, a proposito da immoralidade das peças da companhia Rosas e Brazão. A ira: *is* sem ponto e *pudor* com *e* no fim. Os paladinos da moral. O termo proprio e os seus percalços. O caso da mamá, o caso da menina e a immoralidade da mamá e da menina. — Os quadros de Arthur Loureiro. A nossa arte e os maguados carpes correlativos. A indignação posta de parte por ponderaveis motivos de prophylaxia e raciocinio. O que não faz uma aguilhada. Os artistas que pinoteam e a arte que os atura. Os paysagistas portuguezes. O ôvo, a couve e o espinafre na arte nacional. Breve resenha d'uma exposição. O mar e os seus aspectos picturaes. Conclusão, onde se conta a instructiva, preciosa e edificante historia d'um pintor que appareceu frade um bello dia.

PARA melhor e mais precisa comprehensão do titulo d'este pamphleto e das palavras que vão lêr-se, eu peço, sem o proposito de insulto, aos senhores todos — artistas, politicos, homens do mundo — que se considerem por um instante, para que sem esforço logrem attingir o symbolismo do meu intuito, unica e singelamente — bêtas.

Quando o animal vae indo desempenado e direito no caminho que justamente lhe compete, é claro que a aguilhada não fére e o guia, satisfeito, descansado, de bom-humor, não deixa de lhe dar amavelmente duas palavras de ternura. Se o bicho emperra, e não vae, e resmunga, e segue torto, a aguilhada então carrega sem piedade, sem que lhe valham os ternos olhares compassivos e as blandicias na imminencia dolorosa do castigo.

Os senhores devem ter comprehendido sufficientemente para, feito aviso, sem remorsos que depois nos roam — fiados na Divina Providencia e na caridosa protecção das leis do reino, poder-mos seguidamente começar.

---

**A** RAZÃO por que umas centenas de pessoas se reuniram outrodia n'um salão lisboeta, em torno do snr. João Franco Castello Branco e disseram, consoante o poder da sua eloquencia e a agudêza do seu espirito, o que pensavam do papel que lhes cumpria na politica corrente, não bole com a affirmação d'uma ideia que seja interessante discutir muito a serio nem tem coisa de geito que se imponha á nossa attenção mais demorada.

A cohorte que arvora em pendão de combate o farrapo desilludido em que se inscreve um sedição ideal de *vida nova*, é, mudando nomes a figuras, nos seus elementos e nos intuitos mal disfarçados de cada um, aquella mesma que acompanha em politica todo o apostolo d'um novo credo — seja elle um ingenuo, um idealista, um ambicioso ou um charlatão. É a serie dos influentes malquistados, por pretensões indeferidas, com os mandões preponderantes; a legião dos pretendentes amuados, e dos ambiciosos que vêem na nova seita uma vereda mais rapida para subir; é ainda o grupo restricto das boas pessoas cathechisadas, que cada novo aventureiro arranca á cautelosa abstenção de coisas publicas.

Este partido João Franco explora, para dar á sua existencia uma razão de ser plausivel, o velho sophisma da affirmação da decadencia e ruina do que ahi vêmos para levantar imperiosamente a necessidade de que de novo se faça alguma coisa. E, não obstante, essa necessidade é evidente. Passou o chamado rotativismo para uma phase de franquêza decidida que põe de parte considerações de pudôr e de vergonha e, ao vêr o espectáculo dos governos, o sorriso amavel dos inimigos, o alvoroço que se levanta, sobresaltando uns e outros, quando consta que algum ambicioso ou descontente a valer se malquistou, o publico olha desconfiado, percebe vagamente que o comem e sente sua vontade de patear essa comedia que a seus olhos representam, em que elle é o unico logrado e o constante bode soffredor. Posto isto, não se conclue desde já que tudo o que de novo vier, só pela condição de ser não visto, possa remediar as coisas, encaminhando-as para uma orientação rehabilitadora; não se conclue que tudo que possa vir seja melhor, á vista do muito mau que nós já temos. E precisamente n'este caso a figura do antigo ministro do snr. Hintze apresenta-se de forma a desafiar a nossa desconfiança se não mesmo francamente a nossa incredulidade absoluta.

Todo o homem que se arvora em chefe d'uma facção politica qualquer, apto a dirigir um grupo de homens mais ou menos intelligentes, mais ou

menos capazes de, pelo seu esforço individual, fazer alguma coisa, tem ou deve ter a justificar o preponderante logar que se outhorga um passado que claramente atteste os seus meritos revelados n'um campo — seja qual fôr — da actividade do seu espirito. Herculano quando entrou na vida publica a pedir gente nova e a aconselhar Saldanha e não foi ministro porque positivamente o não quiz ser, tinha as faculdades extraordinarias do genio reveladas na sua obra litteraria; Oliveira Martins quando quiz a vida nova, antes de subir ás desillusões do mando, era o artista primoroso, o investigador erudito, o economista e o philosopho; Anthero, ao presidir a essa Liga Liberal infortunada tinha dado aos olhos de todos as melhores provas do seu formoso espirito. No proprio periodo de anarchia constitucional que foi decorrendo desde a guerra civil até ha pouco, n'esse tempo agitado de revoluções e contra-revoluções, surprêzas politicas a cada instante, remendos e costuras que cada qual fazia na farpella constitucional para a ageitar, sempre improficuamente, a um corpo para quem se não talhara, n'esse mesmo tempo, subia só aquelle que houvesse revelado qualidades proprias ou tivesse um passado publico, de politica sua, boa ou má, a defini-lo.

Ora o snr. João Franco não é um philosopho, um homem de sciencia, um economista, uma creatura que tenha revelado fundamente a sua intel-

lectualidade em campo ameno; não é sequer orador, e Navarro, que muito bem conhece os homens e as coisas, já um dia justificou em s. ex.<sup>a</sup> o odio á imprensa por não saber escrever coisa de geito. Temos pois apenas no snr. João Franco o seu passado politico, só esse póde ser a garantia do seu valor, da sua orientação, da razão de ser do seu accesso. Mas a negação de todo esse passado é a unica coisa que justifica a sua attitude d'hoje, é o unico ponto nitido e sahiente do seu programma. A sua politica passada é a dos regeneradores, do snr. Hintze, é a politica que está em cima, é a politica d'agora com os assomos a mais d'uma energia doida e um furor maior de, reformando, estragar tudo.

O snr. Franco zangou-se com o snr. Hintze: é uma questão caseira com que o publico pouco ou nada tem. Não foi decerto em defêza dos interesses d'esse publico, joguete de todas as ambições, desprotegido de todos, que o estadista do Alcaide combateu ha dois annos uma lei de contribuição predial, origem da scisão, quando já antes soubera applaudir e justificar coisa muito peor. Essa lei foi um pretexto e esse partido, outrodia inaugurado em Lisboa com o apparatus d'uma sessão solemne, não foi creado para guerrear programas nem defender principios — foi-o apenas para combater um homem publico, foi-o apenas para satisfazer uma vaidade e lisongear uma ambição.



Sabe-se que, por seu mal, o snr. João Franco é um nevropatha, tem nevralgias que o torturam e o irritam; d'ahi a sua ira, os seus assomos violentos — e a sua propria e tão fallada energia. Gosta de mandar: em Coimbra diz-se que era temido pelos caloiros, em Portugal, no poder, é temido por toda a gente. É ainda uma especie de medo ao canelão. Portugal todo treme de que elle lhe dê palmatoadas ou lhe thesoire a gaforina.

Falta-lhe a energia serena, reflectida e equilibrada, que é a primeira condição d'um estadista; a sua acção pode ser util e pode tambem ser desastrada — em todo o caso será perigosa.

Na reunião inaugural do seu partido, o snr. João Franco fallou muito tempo, n'um discurso precisa e cuidadosamente elaborado, e, no emtanto, produzindo varios logares communs e vendo muito de superficie os mais salientes problemas nacionaes, teve o cuidado honesto de dizer que não fazia um programma, por isso que — são palavras suas — « os programmas ou são simples enuncia-dos de principios geraes e de aspirações generosas, que nada valem e significam fóra da confiança que inspiram os homens que os formulam, ou, para tomarem uma fórmula positiva e concreta, correm o risco de já se não ajustarem ás circumstan-cias quando cheguem ao poder os seus auctores,

e d'ahi, pela impossibilidade do seu cumprimento, o descredito moral d'aquelles que os apresentaram.»

Isso é exacto. Apenas, n'este caso, se não tratará das circumstancias politicas do momento, mas sim das circumstancias em que se encontrem os nervos do sr. presidente do conselho. Deixará de ser um homem, um ser pensante, a sobraçar a pasta do reino. Ha-de ser um systema nervoso, pouco firme, de chapéu armado, espadim, e banda á tiracollo, aprumando-se com arrogancia, no primeiro degrau do throno, ao pé do rei.

Na reunião do centro lisboeta, não sei se por amabilidade se porquê, todos os oradores se mostraram intellectualmente inferiores ao nobre chefe; limitou-se aquillo tudo a uma serie de cumprimentos, com sua bisca de vêz em quando aos alliados do poder. Apenas o sr. Luiz de Magalhães, poeta, critico, romancista e, sobretudo, filho do grande orador José Estevão, conseguiu com uma phrase, que afirmou paterna, commover o sr. João Franco, impressionar o auditorio e fazer no primeiro momento corar de pejo o sr. Araujo Gama, que estava n'um canto da sala e não tinha porisso ouvido bem.

O sr. Magalhães depois de, sem intuito de of-

fensa, ter pregado um discurso em que mostrou como sempre têm falhado e decerto continuarão a falhar as ideias de vida nova—peça por que decerto não esperava o sr. João Franco—declarou que nas mãos de s. ex.<sup>a</sup> vinha depôr a sua virgindade... opposicionista. Dativa valiosa essa, meus amigos! Em toda a sua vida passada, o filho de José Estevão nunca se oppoz a ninguem, nunca fêz mal: em pequenino, se lhe pediam que comesse a sopa toda, não se oppunha — ia comendo; disseram-lhe que não mette-se o dedo no nariz, e sem opposição, não metteu mais; mandaram-no ser doutor, não se oppoz; João Franco pediu-lhe que auxiliasse com as chispas do seu talento o ideal do novo grupo, não se oppoz — elle lá está. D'esse modo a sua vida tem decorrido sem uma malquerença e sem um crime. Apenas... assassinou D. Sebastião n'um negro dia; mas garante-me pessoa de todo o credito que se o fêz não foi por mal.

Pois é com todo esse calmo e bemaventurado passado que, por amizade e convicções, agora rompe. Muito lhe fica devendo o novo chefe. A virgindade do illustre poeta não é decerto uma palavra vã.



## CARTA A UMA DAMA

**M**INHA SENHORA:  
Disse-me V. Ex.<sup>a</sup>, com magua, que não fôra, este anno, a nenhum dos espectaculos que a companhia do theatro D. Amelia realisou aqui no Porto e, como eu estranhasse que V. Ex.<sup>a</sup> não tivesse satisfeito a sua curiosidade, já que tão grandemente admira alguns artistas que lá vinham, V. Ex.<sup>a</sup> vem agora a dizer-me se eu ignoro a duvidosa lição moral das peças representadas, a ponto de achar correcto, e mesmo honesto, que as escutassem os castos ouvidos de V. Ex.<sup>a</sup> òu até — que blasphemia! — os innocentissimos tympanos de sua filha.

Vejo que V. Ex.<sup>a</sup> escreve indignada; o seu cursivo, de ordinario tão egual e tão perfeito que deante d'elle toda se envergonha a minha calligraphia detestavel, esse cursivo que eu lhe invejo tanto como o brilho do seu espirito, d'esta vez todo elle treme, e até eu vi, Minha Senhora, com espanto, que á maioria dos *is* faltavam pontos e a sua ira teimou constantemente em escrever *pu-dôr* com *e* no fim!

Isso, se por uma banda me obriga á tarefa d'uma contestação que presumo vae ser longa e

trabalhosa, por outra enche-me de jubilo por vêr que ainda existe quem abane tão impetuosamente os seus nervos por comesinhas razões de moral e bons costumes.

Vejamos, porém. Incontestavelmente o assumpto não é d'aquelles em que se torna galante esgrimir com um subtil espirito de mulher, e sobretudo agora me quedo embaraçado ao lembrar-me de quanto escrupuloso é o de V. Ex.<sup>a</sup> n'estes casos em que se desrespeita, trazendo-a á discussão, essa integridade de sãos costumes que toda a geração de V. Ex.<sup>a</sup> primou sempre em manter, intransigente. Procurarei pois respeitar o mais possível o seu melindre e, como se pecca por todos os sentidos corporaes, segundo as minhas reminiscencias de cathecismo me elucidam, eu esforçar-me-hei por que, já que V. Ex.<sup>a</sup> não vê, nem cheira, não prova, nem apalpa coisas nocivas á serenidade da sua alma, também as não oiça de modo a pesarem-lhe de mais na consciencia. Hei-de sempre quanto possa fugir ao Termo-proprio, esse Termo-proprio que horrorisa uma sociedade em que toda a infamia se diz e se escuta, desde que a brutalidade da sua nudêz se acoite no véo doirado d'umas palavras finas, e V. Ex.<sup>a</sup> decerto, no fim, ha-de perdoar, se, apesar da minha boa-vontade, o não conseguir inteiramente.

V. Ex.<sup>a</sup> entende que a maioria das peças ahi representadas pelo grupo Rosas e Brazão não

podia ser ouvida, sem grande agravo para o pudôr e innocencia respectivos, por V. Ex.<sup>a</sup> e por sua filha. O caso tem dois aspectos que é mister analysar em separado: um refere-se a V. Ex.<sup>a</sup>, o outro á menina de V. Ex.<sup>a</sup> Vamos então, com todas as cautelas, tratar do primeiro d'esses, deixando para depois, como mais delicado e transcendente, o caso da pequena.

V. Ex.<sup>a</sup> — e desculpe-me desde já a indiscreção — conta trinta e nove annos, casou aos vinte e tem uma filha de dezoito. Quando V. Ex.<sup>a</sup>, após um breve e honesto idyllio de namorados, se resolveu, com o applauso dos seus Ex.<sup>mos</sup> progenitores, a contrair o matrimonio, ainda trazia os olhos do espirito cerrados á maldade do mundo. Nunca a grinalda de noiva melhor assentou sobre os cabellos doirados d'uma mulher de vinte annos. Quando a lua de mel findou e V. Ex.<sup>a</sup> veio de deixar confiados aos arvoredos discretos do Bussaco os arroubos de ternura e os honestissimos beijos do seu primeiro — e unico — amôr, V. Ex.<sup>a</sup> entretinha as suas horas vagas a anotar as paginas d'um romance que uma amiga do collegio, pouco antes da sua vinda lhe emprestara, e começava a vêr o mundo á data em que os primeiros enjoos davam o dobre de finados áquella sua minuscula cintura que não tinha de roda mais d'um palmo. D'ahi a duzentos e setenta e tantos dias, a physiologia cumpria rigorosa-

mente o seu dever, e V. Ex.<sup>a</sup> estava de posse de conhecimentos novos e completos que lhe ajudariam melhor a compreender a vida. V. Ex.<sup>a</sup> conhecia o bicho-homem que cuidadosamente afastaram de V. Ex.<sup>a</sup> durante o periodo recatado da sua educação, sabia muita coisa do coração humano e tinha, sobre isso tudo, rigorosas, posto que succintas, noções anatomo-physiologicas que, para clara evolução do seu espirito, eram, a meu vêr, d'um grande e proficuo ensinamento.

Descrever agora passo a passo, Minha Senhora, a sua vida desde então não o saberia eu se o bem quizesse; basta que diga que encontrei V. Ex.<sup>a</sup> não ha muito, no meio d'uma sociedade sua burguêsa em que, ás noites, se faz má lingua, sob o indulgente olhar dos bons maridos. Em duas ou três noites que n'esse convivio encontrei V. Ex.<sup>a</sup> aprendi varias coisas maldosas que não sabia sobre maneiras de enganar boas pessoas, — que senhoras varias ministravam, como disfarce subtil d'uma anedota equivocada. Contavam-se então casos espantosos de adulterios, com pormenores bizarros, ciciados com o olhar brilhante de quem sente o prazer de pensar aquillo que não faz, — enquanto n'um grupo á parte, de ouvido á escuta, tremendo a cada revelação que lhes abalava em reconditos desejos e inexprimeveis aspirações todo o seu ser, meninas quasi nubis iam contando distrahidas um beijo atrevido

do priminho e o vestido azul-claro da boneca...

D'uma das senhoras mais finamente espirituosas da sua reunião soube eu depois episodios intimos, com seus ares sodomicos de pouca-vergonha antiga, em que entrava um tenente de cavallaria, amigo do marido, — marido esse que, pór signal, tinha uns cabellos ruivos que a esposa em horas domesticas afagava com mão fina, chamando-lhe amorosamente *o seu tótó*. A mim pareceu-me aquella sociedade de gente honesta, menos pura que qualquer outra, mais humilde, em que nem sempre o vicio é a razão de ser de toda a queda, em que se não enganam os maridos para poder trajar de sedas boas, mas se desce e se cae, muitas vezes, irremediavelmente — para comprar um pão.

Ah! mas eu ia entrar em considerações que decerto horrorisavam os seus ouvidos castos, Minha Senhora. Era o Termo-proprio que irresistivelmente me occorria, por este meu feitio indelicadamente sincero, grosseirão, aggressivo, que nunca me deixará ser um escriptor para sentir o perfume d'uma alcova de mulher formosa e poisar-lhe em delicada brochura, no *boudoir*.

...Ora parecia-me que quem tão profundamente conhece os mysterios da vida, explorando-lhe sobretudo, requintadamente, o lado mau, estava apto a ouvir as escabrosidades do repertorio do D. Amelia, que pode ter realmente coisas es-



pantosamente imbecis, sem merito que lhes valha, mas nunca superiores, em materia de dubia moralidade, aos conhecimentos de vossas excellencias. E pelo que toca a V. Ex.<sup>a</sup>, Minha Senhora, parece-me não ficarmos mal, parando aqui.

Mas V. Ex.<sup>a</sup> tem uma menina que trata, no seu dizer, de educar, com todo o esmero; sempre fez por lhe esconder a perversidade humana; logo que ella chegou á idade de vêr e comprehender, tapou com uma folha de vide atada a fita de nastro, a região escandalosa d'um fauno que tinha feito em marmore, na sua sala de visitas. Bibi nada sabe, nada vê, nada adivinha. Isso o affirma V. Ex.<sup>a</sup> peremptoriamente e confesso que o facto me perturba e complica a sequencia natural da minha logica. Permitta-me, comtudo, V. Ex.<sup>a</sup>, por um momento, interrogá-la.

Acaso essa menina que eu conheço — amiga de dar nas vistas, garrida e presumida, foi educada sempre fóra da influencia deleteria do collegio, sem convivencia com outras da sua idade, sem ouvir conversas menos puras de gente grande, sem sequer dialogar á noite com as creadas? Acaso essa menina ignora do que fallam os jornaes, e nunca V. Ex.<sup>a</sup> ao passar n'uma rua lhe diz, vagamente, — ordinaria, reles, despresivel — a situação d'uma mulher vistosa e pintada que as encontra? Acaso sua filha nunca assistiu ás reuniões que V. Ex.<sup>a</sup> frequenta ou outras onde possa ou-

vir palavras que nebulosamente lhe denunciem alguma coisa que não sabe, que lhe occultam mas que fará, para o futuro, todos os esforços para poder adivinhar?

Em tal caso accete V. Ex.<sup>a</sup> os meus parabens e não leve sua menina aos espectaculos dos Rosas e Brazão nem a outro qualquer, por mais inoffensivamente honesto que se lhe afigure. As chamadas *comedias finas* e *peças serias*, a que é costume conduzir a prole sem reluctancia, são umas coisas falsas, doirando a vida e pondo-a á luz da ribalta n'uma feição que não é a sua. Ensinar aquillo, aquelles amores, aquellas fallas, a creaturas que se educam, é pô-las á mercê de contingencias perigosas no decorrer da vida, antes mesmo de prepará-las para futuras e mais graves desillusões. A purêza que alli vêem sobre o palco, esconde na vida muita declarada pouca-vergonha: ora facultar sem reservas o ingresso em todos os escaninhos d'essa existencia de sonho, idealismos, coisas lindas, é abrir uma porta falsa que póde, de chofre, já sem remedio, arrastar á preversão.

Se a menina de V. Ex.<sup>a</sup> é pois exactamente o modelo de recatada virtude que tracejei, guarde-a, pois, Minha Senhora, no seu quarto de donzella, sem janellas para a rua, até que o noivo vá colher, na flôr da vida e juventude, aquella innocentissima senhora. Eu tenho certas duvidas a tal respeito desde que a ouvi, com ares de troça, en-

sinar a um pequeno a vinda de França n'um cestinho e a vi, na cabra-cega, brincar com o primo Zé aos beliscões... Mas isso não basta; a innocencia tem, ás vêzes, caprichos que nos illudem, e só por elles ajuizar seria mau.

Pelo que respeita pois a sua filha, ditas as coisas, postas as duvidas, resolva V. Ex.<sup>a</sup> como de sua consciencia entender de melhor. E, perdando mais uma vêz, se, no decorrer d'esta missiva, nem sempre a locução sahiu tão fina como seria mistér para não ferir, nem ao de leve, o seu delicado espirito, peço que me julgue sempre

de V. Ex.<sup>a</sup>

o respeitador mais obscuro  
e devotado.



**A** EXPOSIÇÃO de quadros de Arthur Loureiro, por alguns dias aberta ao publico no atelier d'esse artista, dar-me-hia talvez asado lance para discretear um pouco sobre assumptos artisticos do nosso meio. Mas decerto os senhores não hão-de querer que, n'este primeiro volume d'uma chronica que mais pretende rir do

que chorar, eu vá encher algumas laudas com o maguado carpir d'uma elegia. E não ha outro meio de encarar tão escabroso assumpto.

Não pode o meu elogio guarnecer de adjectivos pomposos aquillo que o não valha, e, quanto a indignar-me e fallar-lhes aqui com rubra sanha, por sobre ir de encontro aos preceitos prophylacticos que no-lo prohibem por via d'uma regularidade circulatoria que é mistér se não altere, ainda isso me parece irritante e improductivo. Seria grotesco berrar para esses senhores que põem o melhor da sua habilidade n'um marmore ou n'uma tela:

— Deixem-se de produzir caganifancias attentatorias do bom gosto e do bom senso, façam d'um trecho da vida ou d'um adejo de fantasia uma coisa estheticamente bella, deixem-se de pintarelhar duzias de quadrinhos cada mês e escavacarem calhaus em cada anno, e façam que no seu trabalho, diminuto embora, lateje uma obra d'arte que o erga para nossa admiração e para gloria sua, não trabalhem de cór, contemplem a naturêza e, contemplando-a, esforcem-se a valer por comprehendê-la; — sejam sobrios, sejam grandes, tenham talento, c'os diabos!

Ah, meus amigos, perdido esforço seria esse. A aguilhada, tocando, mesmo de leve, uma bêsta ronceira, pôde fazê-la caminhar pimponamente, mas o que ella não consegue, por desgraça, nem pondo-os a correr sangue, é accender o pyrilampo

do genio no silex cerebral d'esses senhores. Se é arremessada com denodo para os seus bem tratados lombos, ainda pôde lograr, quando muito, uma reacção de pinote, ephemera e sem alcance. Quando eu andei pelas gazetas, de gladio justiceiro em punho, a vêr se endireitava o mundo, tive por vezes occasião de vêr pinotear assim algum supposto artista e sempre verifiquei, com compungida magua, que, após essa manifestação que uma reflexa physiologicamenre nós interpreta, o homensinho produzia mais e, o que é mais grave, ainda peor.

Mas ao ter de me referir a um paysagista, e esse d'um merito que o põe muito acima da grande maioria dos pintantes que ahi vêmos e para quem exclusivamente vão as palavras que atrás disse, é talvez ensejo de mencionar quanto malbaratado anda esse genero pictural n'uma terra como a nossa em que a materia prima é opulentissima. A paysagem portugûesa, tão interessante de côr, cheia d'uma luz que não é muito facil vêr em outra parte, comparavel apenas, segundo dizem, á que morde a terra ardente d'alguns pontos da Africa do norte, é caracteristica de mais para ser reproduzida sem empêno por quem foi educado fora do convivio d'ella,—e educado sabe Deus como, sem sequer um fundo conhecimento tecnico que avisadamente o ampare ou uma restea de talento que lhe venha dar a mão.

Ora os nossos pintores sabem da naturêza o que lhes ensinam dentro das aulas das Academias de Bellas-Artes; d'onde essa repetição constante de velhos e relhos motivos, anemicos de inspiração e falhos de verdade, que invariavelmente se succedem na obra de todo o paysagista portugûes de pouco vulto. E' sempre o mesmo ôvo estrellado, o mesmo pé de couve e a mesma travessa de espinafres que pretendem artisticamente dizer um pôr do sol, uma arvore opulenta, uma relva viçosa e verdejante, é sempre a mesma casa de telhados rubros de espantar um toiro, o mesmo boneco a fingir homem, os mesmos bois de porcellana e tudo o mais que tem, ao que parece, desacreditado por esse mundo o ceu amavel e o generoso sol da nossa terra.

Os mancebos esperançosos vão para França, com os inicios deploraveis que lhes deram, e impossibilitados de fazer evolutir, n'uma orientação cuidada, qualidades que não têm, apreendem atabalhoadamente o que vêem, vivem no bairro latino, pintam as margens do Sena e, na vida como na arte, nunca mais tornam a fallar bem de Portugal. E' por isso que, excepção feita de dois ou três cujos esforços merecem applauso e incitamento, os artistas portugûeses parecem resolvidos a deixar como primeiros documentos, e esses preciosos e grandes, da nossa pintura de

paysagem, as telas maravilhosas de Silva Porto e mesmo também as de Pousão.

Ora esse Arthur Loureiro que outro dia expôz, em restricto numero, os seus trabalhos, por tanto tempo lá fóra, cercado d'uma naturêza outra, vendo e aprendendo nos mais diversos mestres, correndo na sua longa e laboriosa educação artistica todo o percurso das mais differentes escolas — vivendo uma vida de outros costumes, habituado a ver um outro céu, — foi, é, e será sempre essencialmente um português. E como a par d'isso seja uma creatura de bom gosto, com um apurado tacto de artista, um sentimento grande de poesia e, simultaneamente, um technico modelar, irreprehensivel, conclue-se que a sua obra será bella e o seu nome deverá, em sã justiça, merecer um bom conceito no meio da farrapice artistica d'ahi.

Não ha muito, n'uma estatistica publicada lá fóra, em que figuram em logar preeminente a Hollanda, a Inglaterra e a França, verificou-se que, ao contrario do que parece indicar o caracter ethnico e historico da nossa raça, não ha pintores de marinha em Portugal. E' assim, que nos dá motivo d'alegria o saber isto: o artista que no seu pequenino atelier do Palacio, escondido e tranquillo, pacientemente faz, sem espalhato nem reclamo, a sua obra, foi este anno passar o inverno ao pé do mar.

Português sobretudo, um apaixonado do que é bom da nossa terra, terra que decerto a saudade lhe ensinou a compreender e a amar melhor, fazendo-nos fixar coisas lindas do nosso campo,— como nas telas *D'aldeia em aldeia*, *Nevogilde*, e *No pinhal*—Arthur Loureiro quiz que o seu pincel dissesse, em meia duzia de bellos quadros, alguns curiosos aspectos d'esse mar que faz ainda hoje uma parte da nossa alma, como outr'ora fez uma parte da nossa historia. E d'esse modo, conscienciosamente, procurou comprehendê-lo.

Viu as manhãs luminosas, em que o seu azul é escuro e a sua espuma mais branca, a recortar-se serenamente, como uma renda, sobre uma terra d'oiro; viu as madrugadas de neblina com linguas de neve subindo na mancha escura dos rochedos, cahindo, tentando novamente, n'uma ancia, como naufragos que quizessem agarrar a vida com desespero, nas arestas d'aquellas pedras negras; madrugadas que lembram o vago simbolo, sentimental e nostalgico, d'uma lenda do norte ou a vinda do nosso rei Sebastião; viu o meio-dia de pleno ceu, quando a agua é translucida e o sol abrasa a orla trigueira do areal; viu a tempestade com os abysmos cavados entre as nuvens alvissimas de espuma, e as noites de serena paz, murmurante, dôce, emballadora, que nos tranquillisa a alma e nos ensina a sermos bons...

Viu isso tudo, e depois vieram, das impres-



sões que o poder da sua arte apreendeu, uma multidão de *pochades*, effeitos de mar interessantissimos, e essas lindas telas que se intitulam *Vaga quebrada*, *Mar calmo*, *Mar piscoso* e *Mar agitado*. Mas que possamos separar aqui, para o nosso apreço, esta ultima, que, pelo rigor de comprehensão que a valorisa, pela technica soberba em que vem feita, com uma exacta justêza na luz, na côr e nos effeitos, foi incontestavelmente o trabalho melhor da exposição,

A orientação de Arthur Loureiro na sua obra, deixando bem gravado em toda ella o character nacional, segundo a luminosa comprehensão do critico Ruskin, representa um merito tamanho que nos dispensa de amesquinhar os seus trabalhos denunciando qualquer pequeno defeito que certamente lá se encontra, para que não corra mundo a ballela de que a imperfectibilidade humana caducou. Demais, agora que a paisagem de Marques d'Oliveira enkistou em conhecidos e inalterados termos, parece-me que Arthur Loureiro fica sendo o primeiro dos artistas d'esse genero no nosso meio.

Materialmente não lucrará nada com isso: os nossos artistas vulgares estão perfeitamente á altura do publico que dá gasto ás suas telas, e a nossa imprensa não lhe dirá,— porque os não sabe, porque não existem — adjectivos mais eloquentes que aquelles que com frequencia consa-

gra a qualquer pintorelho apadrinhado. Portugal, em questões d'arte, foi sempre assim: Camões morrendo á fome é já um logar-commum muito puído e um pouco fóra aqui do nosso campo; mas olhem os senhores o pintor Domingos Antonio de Sequeira, para quem o conde de Raczynski teve palavras de tamanho encomio, noviciando no convento do Bussaco, depois de mandar ao diabo a arte — pelo pouco caso que cá faziam d'ella...



As *Aguilhadas* apparecerão em volumes de 24 paginas, ao preço avulso de 50 reis.

Assignatura annual (pagamento adeantado), 500 reis.

Toda a correspondencia deve ser enviada a Paulo Osorio, Avenida de Carreiros, 250.

---

## “*A Provincia*,”

---

Este jornal da tarde, de grande circulação no Porto, com dezoito annos de existencia, passou por grandes transformações. Tem um largo serviço d’informação telegraphica, interna e externa; um corpo de redacção que preenche numerosas secções de politica, de critica e de arte, do qual fazem parte Augusto de Castro, A. de Castro Neves, Fernandes Reis, Amadeu Cunha, Rodrigo Solano e Paulo Osorio, e uma brilhante collaboração litteraria de Julio Dantas, Carlos Malheiro Dias, Mayer Garção, Bulhão Pato, Antonio Patricio, D. Francisco Villaespesa e muitos outros.

*Escriptorios : Rua das Oliveiras, 79 — Porto*